

Carne de porco ameaça a visão de uma cidade

CILENE PEREIRA

ERECHIM (RS) — A região de Erechim — localizada em uma das mais belas e prósperas áreas do Rio Grande do Sul — está vivendo um dos maiores dramas de saúde pública do país. Segundo pesquisa realizada por uma equipe de cientistas brasileiros, 88% da população local (66 mil pessoas) estão contaminados pelo toxoplasma, o protozoário causador da toxoplasmose ocular, uma doença silenciosa que destrói a retina lentamente e leva à cegueira. Nada menos do que 20% das vítimas apresentam lesões oculares. Desse contingente, mais de seis mil já estão cegos de um olho. É o maior índice de prevalência da doença do mundo.

Na região, a toxoplasmose ocular é tão comum quanto a Aids nas cidades grandes. Mas se a população local só vê a Aids pela televisão (em alguns municípios não há sequer um caso da doença), é quase impossível encontrar famílias que não tenham alguns de seus integrantes atingidos pela toxoplasmose, principalmente na zona rural. As poucas que ainda não têm a doença sabem na ponta da língua os nomes dos vizinhos que já estão com parte da visão comprometida ou se encontram quase cegos.

O altíssimo índice da doença registrado na região é explicado pela ingestão diária de carne de porco — a principal forma de transmissão para o homem — pela maioria da população rural. O hábito, que chegou com os primeiros imigrantes italianos, poloneses e alemães, nunca mais foi abandonado e hoje é repetido quase religiosamente pelas famílias. A carne de porco é consumida no café da manhã, no almoço e no jantar.

— No meu café da manhã tem de ter a linguiça, a polenta e o vinho — diz o agricultor Alduíno Dalla Costa, de 65 anos, com forte sotaque italiano.

Por mais modesto que seja, o produtor rural da região sempre mantém no chiqueiro pelo menos um porco. O dia da preparação das linguiças é um acontecimento. A família inteira partici-

pa da festa. As crianças aprendem os segredos do preparo, quase todos aproveitam também para experimentar a carne, ainda crua, e o ciclo da doença se perpetua.

Apesar das dimensões, a tragédia de Erechim só está sendo devidamente mensurada agora. Os principais responsáveis pelo estudo do problema são os oftalmologistas Cláudio Silveira, proprietário de uma das maiores clínicas da cidade, e Rubens Belfort Jr., professor da Escola Paulista de Medicina (EPM), de São Paulo.

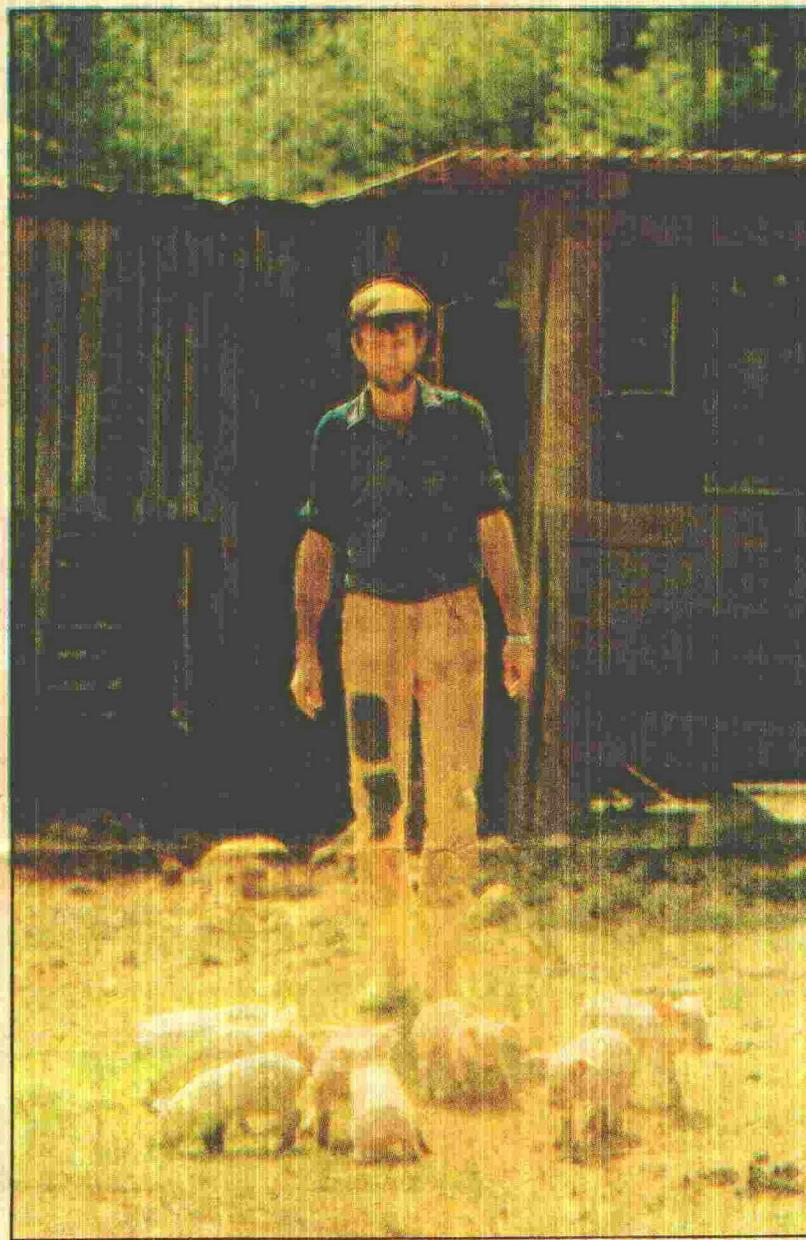
Juntos, os dois ainda estão analisando os últimos dados obtidos durante a pesquisa feita na região. Foram examinadas cerca de mil pessoas. Mais de 180 apresentavam lesões oculares, entre as quais 64 estavam cegas de um olho. Em duas famílias, a toxoplasmose já chegou à terceira geração.

Os números chocaram tanto que já alcançaram repercussão internacional. Segundo Silveira, há pelo menos cinco pesquisadores estrangeiros interessados em estudar o problema, assustados com as proporções. A preocupação se explica. Afinal, nos Estados Unidos, por exemplo, a prevalência da doença é de apenas 0,6% entre a população.

Em sua clínica, Silveira examina pelo menos uma família atingida pela doença por dia. Na quarta-feira passada, foi o dia das famílias Cichaczewski e Centenero. Da primeira, foram examinados Ademar e André. Ademar, de 20 anos, é o caso mais grave: apresenta traços de debilidade mental, tem um olho praticamente fechado e pouco enxerga com o outro. Já entre os Centenero, a maior vítima é o agricultor Neri, de 23 anos. O jovem tem lesão nos dois olhos e não consegue mais ler ou identificar cores.

Nenhuma das famílias esconde a tristeza que chegou com a doença. Nenhuma delas, porém, conseguiu abandonar o hábito de consumir carne de porco.

— Ainda comemos a linguiça no café da manhã pelo menos três vezes por semana — disse Ana Cichaczewski, enquanto acompanhava mais uma consulta de seus filhos.



No fundo das casas em Erechim, uma cena comum: a criação de porcos